

O ATLAS ETNOLINGÜÍSTICO DO ACRE – ALAC

Luísa Galvão Lessa (UFAC)

Inicialmente, nesta conferência, agradeço o convite formulado pelo Prof. Dr. José Pereira, para ocupar este nobre horário e, assim, devo dizer que é uma honra estar entre os senhores para noticiar os estudos da dialectologia amazônica, particularmente do *Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC*. É um projeto de vida longa e dele me ocupo enquanto docente na Universidade Federal do Acre e como pesquisadora do CNPq. Mas, antes de tudo, para se chegar à definição do ramo da ciência da linguagem – a dialectologia social, objeto dessa exposição, como parte do meu fazer científico – é necessário retomar, um pouco, os conceitos de língua e dialeto. Uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas é resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim, que teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço.

Falar de língua portuguesa ou de qualquer outra é operar uma abstração e uma generalização consideráveis, uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações, conseqüência direta da diversidade dos usuários. Não existe uma língua unificada, porque não existe um monobloco lingüístico.

Em uma língua histórica, existem três tipos fundamentais de diferenças internas:

1. diferenças de espaço geográfico ou diferenças diatópicas; (exemplo: aipim = mandioca, macaxeira; abóbora = jerimum; canjica = mucunzá; mixirica = tangerina; pé-de-moleque = cocada; pé-de-moleque = bolo de mandioca); muyé = mulher; fyo = filho; munta gente = muita gente; mutá = escada; piá = menino.

2. diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática, ou diferenças diastráticas (fazer a

corde, namorar, paquerar, ficar; garota de programa, mulher devida fácil, prostituta, puta); ficar ajuntado ou amancebado ou amigado.

3. diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos da fala ou diferenças diafásicas: nós vamos, a gente vai, eu vou; faça-me o favor, faça o favor; assistir ao jogo, assistir o jogo etc)

A esses três tipos acrescentam-se as diferenças etárias, geracionais. (acender e ligar; apagar e desligar; apagar e deletar; namorar e ficar etc).

As diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas, correspondem três tipos de subsistemas que possuem internamente relativa homogeneidade garantida pela soma dos traços lingüísticos coincidentes. Assim, a partir dessas coincidências pode-se dizer que existem:

a) as unidades diatópicas, que são identificadas mais comumente como dialetos: o dialeto nordestino, o dialeto de Fortaleza, dos Açores, de Portugal, do Acre, etc.;

b) as unidades sinstráticas, as de estratos sociais – a linguagem culta, a linguagem da classe média, a linguagem popular, etc.;

c) as unidades sinfásicas, ou de estilo de língua – a linguagem formal, a familiar, a literária etc.

Observe-se, porém, que em cada unidade sintópica, por exemplo, em um dialeto de determinada região, pode haver ou há diferenças diastráticas (socioculturais) ou diafásicas (de estilo); em cada unidade diastrática, por exemplo, a linguagem culta, a linguagem popular, há diferenças diatópicas (regionais) e diafásicas (de estilo); e em cada unidade sinstrática, por exemplo, na linguagem familiar, há diferenças diatópicas e diastráticas.

Compreende-se, então, porque os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, tenham características lingüísticas diversificadas e se pertencerem a uma mesma região também não falam da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema lingüístico e de toda a variação ne-

le contida. Desse modo, chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.

Para tornar mais claro o entendimento de dialeto, a sua relação, distribuição e relação com a língua histórica, do qual é parte integrante, é oportuno rever o conceito de isoglossa como uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e, conseqüentemente, apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas. Ex.: para a constelação: Cruzeiro do Sul (em quase todo o Acre), Santo Cruzeiro (na fronteira do Acre com o Peru; pé-de-moleque e beléu); podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças lingüísticas socioculturais (cedo da noite, boquinha da noite, de tardinha, à noitinha) isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas – ao anoitecer, ao cair da tarde, ao final do dia, na boca da noite).

Quanto à natureza dos fatos lingüísticos analisados, uma isoglossa pode ser lexical ou seja, isoléxica; pode ser fônica, isófona; pode ser morfológica, isomorfa e pode ser sintática.

Partindo do entendimento de isoglossa, define-se dialeto como um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, têm uma relativa homogeneidade dentro de uma mesma comunidade lingüística em confronto com outras. Essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto de isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos.

Se se entende, como se disse antes, que há *isoglossas diatópicas, diastráticas, diafásicas*, poder-se-á concluir que a denominação de dialeto não é só pertinente às variações diatópicas, logo também há dialetos sociais e, por analogia, dialetos estilísticos.

Ressalte-se que a equação: dialectologia = lingüística diatópica; sociolingüística = lingüística diastrática não é pacífica. Lope Blanche, sobre o tema, assim se manifestou:

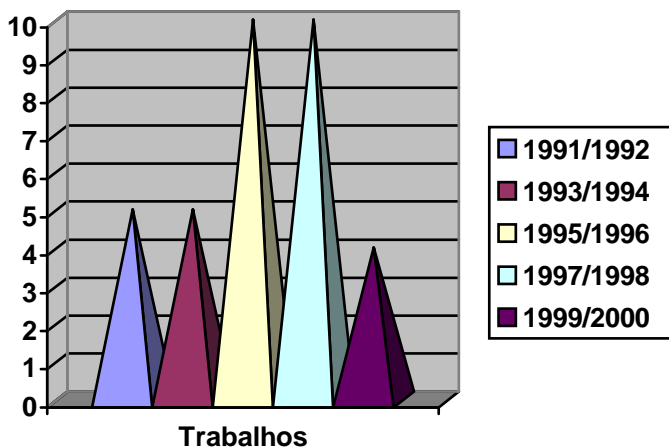
Se a dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto no eixo horizontal como do vertical.

Diz ainda Lope Blanche (1978:40) que o fato de a dialectologia " *haver dedicado o melhor do seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória*". Daí depreende-se que a dialectologia interessa não apenas a variedade rural mas também a urbana, podendo então falar em uma dialectologia rural e de uma dialectologia urbana.

Fez-se, inicialmente, no Acre, uma dialectologia urbana, coletando-se um **corpus** de 10 horas de gravação, com informantes de nível superior completo, profissões diversas, níveis sociais também, faixas etárias e variação de sexo, isso em 1988, tomando o modelo idealizado por Lope Blanche.

Paralelamente, faz-se, desde 1991 dialectologia rural, seguindo o modelo preconizado por Nascentes e aplicado, com sucesso, por pesquisadores brasileiros. O resultado desse esforço está refletido nos 23 CADERNOS sobre a Linguagem Falada do Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. Neles estão presentes os traços diferenciadores por força do conservantismo ou da absorção do novo: A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO ACRE – Materiais para estudo, vol. I,II,II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ – Materiais para estudo, vol. I, II, II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS – Materiais para estudo, vol. I,II,III; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE CRUZEIRO DO SUL – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE TARAUCÁ – Materiais para estudo, vol., II; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE FEIJÓ – Materiais para estudo, vol. III; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE RIO BRANCO – Materiais para estudo, vol. IV; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE XAPURI – Materiais para estudo, vol. V; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE PLÁCIDO DE CASTRO – Materiais para estudo – vol. VI; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE SENA MADUREIRA – Materiais para estudo, vol. VII; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE ASSIS BRASIL – Materiais para estudo, vol. VIII; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE MANOEL URBANO – Materiais para estudo, vol. IX; A LINGUAGEM NA ZONA DE RIO BRANCO: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. I; LINGUAGEM NA ZONA DE PLÁCIDO DE CASTRO: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para

estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA XAPURI: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. III. A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS – FORMA E FREQUÊNCIA, Zona de Manoel Urbano – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS, Zona de Assis Brasil – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS, Zona de Sena Madureira – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. III; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Cruzeiro do Sul – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Tarauacá – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Feijó – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. III.



Do *corpus* ALAC, acima especificado, 70% está armazenado em microcomputador.

Pretende-se, com essa pesquisa dialetal na região do Acre, deixar um legado a várias ciências, pois a dialectologia é uma disci-

plina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível, pois, que a dialectologia trouxe e traz contribuições de importância à sociolinguística e à linguística geral. É como diz Silva-Corvalán (1988:8):

Sociolinguística e dialectologia se têm considerado até certo ponto sinônimas, uma vez que ambas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialectologia desde cedo percebeu a coexistência da heterogeneidade lingüística.

O **corpora** do ALAC está armazenado no Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC. E a contribuição que o CEDAC dá à dialectologia acreana é infinita, sobretudo com o Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC. Na realidade, a publicação do Atlas, ainda que com resultados parciais, como já se está dando ao Brasil, significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis. Diversidade essa que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos esplêndida ou menos notável como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda defendem. Unidade e diversidade não se defende, constata-se.

Em toda pesquisa dialetal existe um *antes*, um *durante* e um *depois*. Tem-se, pois, a fase da preparação, da execução e da análise. É preciso definir *o antes*, ter coragem para *o durante*, paciência e gosto para *o depois*, como dizem Carlota Ferreira e Suzana Cardoso.

Essas etapas me foram ditadas pela experiência da prática da pesquisa de campo. A dialectologia não é uma ciência de gabinete, por isso *o durante*, às vezes, pode ser até penoso, mas sem dúvida, é o trabalho de campo o melhor livro de dialectologia que se conhece; só quem esteve lá, e pode ser difícil chegar lá, é capaz de lhe dar a sua real dimensão. Com o homem rural se aprende não apenas os fatos lingüísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas aprendida de dentro da própria vida.

O Estado do Acre, embora ocupe destacada e significativa posição no contexto amazônico, continua, ainda, a constituir vasto campo aberto à pesquisa, não só no âmbito das ciências naturais, mas também em áreas como a História, a Antropologia e a Linguística.

Só agora se está percebendo ser necessário conhecê-lo em profundidade, no intuito de descobrir-lhes as peculiaridades e – o mais urgente – no sentido de registrar e preservar os traços culturais de pequenos segmentos da sociedade, ameaçados de descaracterização pela força de normas lingüísticas comportamentais veiculadas pelos modernos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão.

Em pleno século XX, e não muito longe da capital acreana, encontram-se pequenas comunidades mantidas à margem do desenvolvimento, devido a fatores históricos e geográficos que as compeli-ram ao isolamento e à estagnação.

Surpreende e, por vezes, revolta o flagrante descaso de que têm sido vítimas alguns grupos ao longo dos séculos que nos distan-ciam dos primórdios da colonização. É o que ocorre em muitas loca-lidades do Acre, caso especial dos pontos de inquérito da Pesquisa ALAC, como é um exemplo a Vila Muju, pequeno aglomerado hu-mano cuja população vive não só na mais absoluta pobreza, mas, so-bretudo, parada no tempo, quase como sem destino. Esse é só um dos casos, existem inúmeros que os nativos do Acre, conhecedores da realidade, encontram sem grande esforço de memória. O que es-panta, de tudo isso, é que até hoje o governo brasileiro não tenha de-dicado estudo especial para o homem da região amazônica, especifi-camente para a atividade econômica a que – *por determinismo geo-gráfico* – o acreano está destinado ao confinamento, aprisionado pela floresta que não tem limite enquanto território verde, mas que dá fi-nitude ao homem quando o isola dos demais.

O homem interiorano do Acre – por viver em povoados alija-dos do processo de desenvolvimento; por desempenhar atividades econômicas de forma artesanal; por possuir uma história de luta e de resistência para a preservação da sua identidade e de seu habitat; por apresentar índice nulo ou quase nulo de escolaridade – constitui ob-eto, por excelência, de pesquisa dialectológica.

Se não bastassem esses motivos para que se privilegiassem, nos estudos dialectológicos, a descrição da linguagem e das ativida-des econômicas artesanais aqui praticadas, poder-se-ia aduzir o cres-cente interesse que a Amazônia vem despertando para o mundo.

Os seringueiros não são o único grupo esquecido pelo Poder e pela História. A seu lado encontra-se um enorme contingente de acreanos que, no labor diário da agricultura, da pesca, da extração da madeira etc., e nos singelos atos de comunicação, sem que disso se dêem conta, escrevem nossa história, delineiam nossa cultura, matizam nossa língua, forjando nossa identidade nacional.

Tropeiros solitários; seringueiros confinados na imensidão da floresta amazônica; feitores de roçados; plantadores de mandioca, de milho e de feijão, em humildes choças; fazedores de farinha; pescadores do acaso; madeireiros do destino; pombeiros em seu comércio pela floresta – todos presos às suas pequenas, porém únicas tradições, repetem, encantoados na região acreana, as vozes que desde a infância se acostumaram a ouvir.

Detentores de costumes portugueses aqui reelaborados pelo contato com outra terra e outras gentes ou, já em acelerado processo de mestiçagem étnica e lingüística, esquecidos da origem, esses homens guardam, na sua forma de expressão oral, a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses.

O espantoso no Brasil é que a conquista de nossa unidade lingüística não é obra da educação, mas do esforço do povo, sem nenhuma ajuda oficial.

Conhecer, portanto, a cultura desses homens escondidos e esquecidos em núcleos que, embora, por vezes, próximos, vivem vidas próprias, equivale a reconstituir parte de nossa história e da história da língua que serviu para conformá-la, contá-la no decurso do tempo.

E, como sempre ressaltaram dois de nossos mais notáveis filólogos – Serafim da Silva Neto e Celso Ferreira da Cunha – e perceberam alguns poucos de nossos historiadores – como Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues – os estudos históricos devem subsidiar as pesquisas lingüísticas, mormente aquelas que tenham por escopo a língua oral.

Assim, do que se disse, que outra síntese se poderia fazer da situação lingüística do Acre? A diglossia que caracteriza a variante acreana – esse tecido emaranhado que se procura deslindar, na tarefa do Atlas, é, sem dúvida, resultado: do processo histórico que tornou o Acre brasileiro; da descoberta do ouro negro na região amazônica;

da chegada dos nordestinos no Acre; do convívio nem sempre harmônico entre os povos da fronteira (Peru e Bolívia). Assim, o dialeto acreano é peculiar no Norte do Brasil. No baixo amazonas, por exemplo, se diz “canua e cuco” e no Acre “canao e côco”.

Pergunta-se, então, o que existe, ainda, nessas comunidades, num grupo já por si minoritário e diferenciado, do que há pouco se comentou?

Que terão os seringueiros, os agricultores, os pescadores, os madeireiros, os pecuaristas a transmitir – por meio da sua linguagem e da cultura – sobre a história e a fala de seus grupos e, por extensão, sobre a história e a fala do Estado do Acre?

Certamente, coisas que não se supunham e que, se não fossem logo recolhidas, se perderiam a reboque da indiferença:

Não é possível, porém, cruzar os braços. Pelo contrário, a exploração dos falares é tarefa urgente e inadiável, porque, com o rolo compressor do progresso, o uniforme sobrepõe-se ao diferenciado, o comum ao típico, o banal ao pitoresco. Assim se vai operando uma nivelção que destrói em boa parte as tradições recebidas dos antepassados.

A pesquisa do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC objetiva, portanto, proceder ao levantamento e à análise das peculiaridades lingüísticas e etnográficas de cinco atividades econômicas do Estado, acima já enumeradas, para auxiliar não só no conhecimento de uma variante do português do Brasil e do Acre, mas, também, para a elaboração do Atlas Etnolingüístico do Estado do Acre, em fase bastante avançada.

Para dar uma feição científica à coleta da oralidade acreana, tiveram-se de criar ou adaptar métodos, sempre com base nas lições extraídas das obras de lingüistas atuais e nas contribuições dos primeiros estudos dialectológicos, numa fusão de modernidade e tradição, que tem presente a lúcida observação de Manoel Alvar:

deixando de lado as metáforas, pensa-se que o surgimento de novos métodos significa que outros – mais ou menos tradicionais – já se tornaram obsoletos: colocação parcial da questão. Porque a missão de um método não acaba com o surgimento de outro, mas pode coexistir com ele e ainda reelaborar-se segundo seus próprios condicionamentos (...) os méto-

dos tradicionais, adaptados às exigências de nosso tempo, não estão esgotados: muitos dialetos românicos estão por inventariar e conhecer, e sem a posse desses dados imediatos careceria de sustento qualquer tipo de especulação ulterior.

Estudar a dialectologia acreana é descrever a língua do povo do Acre. E a descrição da língua de um povo fornece seu vocabulário e o vocabulário é uma bíblia bastante fiel de todos os conhecimentos desse povo; apenas a comparação do vocabulário de uma nação, em diferentes tempos, é suficiente para se formar uma idéia do seu progresso.

Este trabalho é, também, um apelo aos educadores, de modo geral, para que se interessem pela região acreana e pelos homens que lá (aqui) vivem (onde me incluo, com a permissão dos senhores), contribuindo, assim, não só para a solução dos problemas econômicos, mas, também, para que sejam respeitados os valores, a cultura e, conseqüentemente, a linguagem da região.

CONCLUINDO

Dos estudos que realizei; daqueles que vou realizar; das pessoas que conduzi às trilhas da pesquisa; das derrotas sofridas na busca de profissionais talhados para este feito; do espaço espremido dentro da academia; dos ensinamentos e dos exemplos que tento passar aos jovens pesquisadores do CEDAC; das dificuldades para, no Acre, fazer pesquisa científica, há um quadro que ilumina os meus dias e que retirei na pesquisa de campo. Ele é assim: Lembro lugares e neles vejo homens, mulheres, crianças. Diversos como os cenários em que se situam, contam-me histórias, diversas também. Ao fim de duas ou três visitas sento-me, por vezes, verdadeira amiga, quase irmã. E eu não tenho podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles me têm dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a vida partir daquele momento da visita. Por trás dos fatores que vim buscar, estudar, há toda uma humanidade humilde, porém digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me pôs em contato. Se mais nada, no vasto terreno da linguagem, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência, por si só, seria suficiente para me obrigar a reconhecer e a-

firmar que vale a pena o ramo dos estudos dialectológicos para o qual a vida me conduziu.